

DOSSIÊ TEMPORALIDADES

OS HORÁRIOS FORA DE LUGAR – RITMOS BIOLÓGICOS E LITERATURA

POR MUARA KIZZY FIGUEIREDO

RESUMO *Este trabalho analisa a relação existente entre personagens e ambiente e objetiva investigar como, supostamente, se deu a implantação no Brasil do século XIX dos ritmos sociais europeus, tendo em vista os ritmos biológicos da população brasileira (em termos coletivos) – adaptada ao ambiente tropical. Para tal estudo, foram analisados alguns textos literários do período (em especial a obra de Machado de Assis e Eça de Queirós) - visando identificar menções aos horários de sono, refeições, atividades sociais e aspectos do sono; bem como a leitura de autores contemporâneos que discutem a construção de identidades nacionais – em especial no Brasil – e ainda; autores que investigam a temática do tempo – seja em termos cronológicos, psicológicos e biológicos.*

THE SCHEDULES OUT OF
PLACE - BIOLOGICAL
RHYTHMS AND LITERATURE

ABSTRACT *This paper analyzes the relationship between literature characters and environment and aim to investigate how supposedly occurred the deployment of European social rhythms in Brazil at nineteenth century, taking in consideration tropical environment temporal clues and the biological rhythms point of view. For this study, some literary texts of the period (especially the work of Machado de Assis and Eca de Queiroz) were analyzed - to identify references to sleep schedules, meals, social activities and aspects of sleep; well as reading contemporary authors who discuss the construction of national identities - especially in Brazil - and*

still; authors investigating the theme of time - either in chronological, psychological and biological terms.

PALAVRAS-CHAVE Tempo Cronobiologia
Literatura

KEY WORDS Time
Chronobiology
Literature

1. INTRODUÇÃO

A carta de Pero Vaz de Caminha endereçada ao rei de Portugal quando do descobrimento do Brasil, em 1500, dá conta de inúmeras diferenças do modo de vida entre os nativos da terra e seus futuros colonizadores. Reconhecida como a primeira obra da literatura brasileira, a carta relata as diferenças na linguagem, no vestuário, na alimentação e na maneira de dormir percebidas pelos portugueses.

De acordo com o conhecimento moderno em Cronobiologia, a repetição e alternância de eventos na natureza de forma temporal organizada e cíclica contribuíram para que evoluíssem, nos seres vivos, mecanismos de resposta eficiente e antecipatória às mudanças do clima, das horas do dia e das estações do ano (PEDRAZZOLI, 2011). O organismo humano apresenta um “dia interior” de aproximadamente 25 horas que está adaptado à periodicidade fornecida pela oscilação claro/escuro dentro de um ciclo de aproximadamente 24 horas (o dia exterior). Isso pode ter influenciado a adaptação do europeu ao trópico, que é lenta e penosa, afetando atividades de subsistência e comerciais desenvolvidas em ambiente tropical. Um aspecto menos discutido da adaptação a esta nova terra é o padrão noite e dia: enquanto na Europa a duração do dia iluminado é muito variável ao longo do ano em função das estações, nesta região tropical os dias iluminados têm sempre a mesma duração o ano todo. O índio, ao contrário do português, está adaptado ao ciclo claro/escuro da zona tropical.

Segundo Norbert Elias, em estágios precoces da sociedade, fez-se sentir a necessidade de situar os acontecimentos e de avaliar a duração de alguns processos e, por isso adquiriu-se o hábito de escolher como norma para tal, processos físicos, limitando-se aos fenômenos naturais. Isso facilitou a adaptação humana ao ambiente, pois, em Cronobiologia, se reconhece a existência de estruturas geradoras de tempo no interior dos organismos (MARQUES; MENNA-BARRETO, 1997) que se submetem aos ciclos naturais e suas pistas, fornecidas pelo ambiente. Os fenômenos naturais exerceriam, então, a mesma função dos relógios – a de meios de orientação para homens inseridos numa sucessão de processos sociais e físicos (ELIAS, 1998). Esses padrões sociais sofrem intensas alterações a partir do século

XVIII, momento em que as atividades humanas passam a ser reguladas de maneira diferenciada de acordo com a classe e função social do indivíduo dentro do processo industrial. O tempo sideral com um único passo abandonou o céu para entrar nos lares (THOMPSON, 1998): os horários de trabalho se expandem, tomando agora parte da noite. O desenvolvimento característico da era pós-industrialização é, ao mesmo tempo, a mudança de uma cultura: se antes a medição do tempo é relacionada com os fenômenos naturais ou aos processos familiares no ciclo do trabalho e das tarefas domésticas, os homens acostumados ao tempo marcado pelo relógio o encaram como um recurso econômico, não podendo, portanto, ser desperdiçado. O que se questiona é se a mudança cultural observada a partir do processo de industrialização – em total desacordo com os padrões biológicos construídos na espécie humana através de milhares de anos do processo evolutivo – pode ser assimilada com facilidade pelos organismos dos indivíduos submetidos a ele.

Apesar das tentativas de nos adequar a um padrão temporal baseado nas necessidades sociais, nosso organismo está biologicamente adaptado aos padrões temporais do nosso planeta. Localizações geográficas diferentes e suas peculiaridades geram estímulos diferenciados à fauna e flora locais – e o ser humano, como parte dessa fauna – também percebe e é influenciado por essa diversidade geográfica: clima, relevo, vegetação e o período de insolação de acordo com as estações do ano criam necessidades diferenciadas e, conseqüentemente, soluções diferentes.

2. AS IDEIAS DA CIÊNCIA

Mesmo que a nossa busca contemporânea pelo equilíbrio nos influencie a esperar que todos os aspectos da nossa existência sejam estáveis – buscamos a estabilidade financeira e psicológica, queremos um organismo que nos permita uma existência estável e plena de saúde – não obstante os *ritmos*[1], tais como períodos de sono e vigília ou oscilações de humor, são evidentes na maioria dos seres vivos. Isso porque, oscilações no ambiente podem servir como pistas temporais que facilitam a adaptação das espécies. Nesse caso, os indivíduos que melhor se adequarem ao novo cenário temporal, apresentam mais chances de permanência e reprodução; seja no sentido mais amplo das relações do organismo com o ambiente, seja no sentido restrito das regulações de suas funções orgânicas (MARQUES; MENNA-BARRETO, 1997).

2.1 – CRONOBIOLOGIA

A organização do nosso sistema solar aliada à inclinação do eixo da terra em relação ao plano do sol e o movimento de rotação da terra resulta nos ciclos dia e

noite, nas estações do ano, nas fases da lua e na oscilação das marés. Observar, descrever e relacionar com fenômenos sociais os ciclos geofísicos, a repetição e a alternância dos eventos da natureza são atividades que estão na origem dos primeiros relatos da Cronobiologia – que estuda a temporalidade inerente à matéria viva – que, como conhecimento científico formalizado é extremamente jovem, pois data dos meados do século XX.

A repetição dos fenômenos num intervalo regular cria uma inevitável relação dos ritmos com os relógios, mesmo que a plasticidade característica dos sistemas vivos não esteja presente neles. Um exemplo claro dessa relação pode ser observada durante nosso período imperial, quando da inauguração de uma linha comercial marítima entre Liverpool e Rio de Janeiro (1850), que criou um parâmetro temporal fixo tão arraigado no imaginário popular que o ciclo menstrual de todas as mulheres do império e da república passa a ser associado à chegada das embarcações. Os *packet boats* (ou paquetes) tinham nomes femininos e, assim como a menstruação, tinham um ciclo de 27 ou 28 dias. O ritmo social observado – a chegada dos navios com uma periodicidade de aproximadamente um mês e a sua relação com o ritmo dado pelo ciclo menstrual feminino – criou forte associação no imaginário social do período e, até hoje, as pessoas usam a expressão “ela está de pacote” para se referirem a mulheres em período menstrual.

A analogia entre um sistema rítmico e o funcionamento de um relógio não é nova. Nesta analogia, distingue-se o relógio propriamente dito, responsável pela geração da periodicidade biológica, e a expressão aparente dos ritmos, que corresponderia aos “ponteiros” do relógio. [...] O conceito atual de relógio, implicando um sistema de temporização autossustentado continuamente oscilante, fundamenta-se na demonstração de estruturas anatomicamente definidas. [...] (MARQUES; MENNA-BARRETO, 1997)

Muitos ritmos biológicos estão associados ao ciclo geofísico claro/escuro (CE), dado pelo movimento de rotação da Terra. Esses ritmos – que variam de 20 a 28 horas – são chamados de ciclos circadianos e apresentam caráter endógeno; ou seja, o organismo apresenta um ritmo interno que é harmonizado com os ciclos ambientais, num processo denominado adaptação temporal. Nessa adaptação temporal, os ritmos fisiológicos característicos da espécie são expressos nos momentos mais propícios relativos ao ciclo ambiental por meio de processos denominados, em Cronobiologia, sincronização e arrastamento (ajuste temporal ao fator ambiental). O arrastamento e a sincronização só ocorrem quando há algum fator externo, denominado *zeitgeber* ou “doador de tempo”, por exemplo, ciclos geofísicos e ciclos de disponibilidade de alimentos ou aqueles determinados por uma organização social (MARQUES; MENNA-BARRETO, 1997). Ambientes localizados em diferentes latitudes (com insolação diferenciada durante as estações do ano) fornecem *zeitgeber* diferentes e, portanto, resultam em adaptações diferenciadas. A partir da compreensão dos conceitos de arrastamento e adaptação temporal, é possível perceber que as interações sociais e humanas podem ocorrer em horários diferentes ao redor do planeta, considerando a forma como a população

de um determinado ambiente se adaptou aos sinais ambientais, permitindo o seguinte questionamento: estariam as temporalidades das atividades sociais humanas ancoradas também em fatores biológicos?

Essa investigação não é simples de ser realizada, pois, em muitas esferas acadêmicas, o social evolui dissociado dos limites biológicos de um organismo. Exemplo claro é a organização da produção de bens e serviços em grande escala, que surge ignorando os limites temporais impostos pelos ritmos biológicos e ciclos geofísicos.

3. AS IDEIAS FORA DE LUGAR[2]

Entre os séculos XVIII e XIX, um fluxo intenso de mudanças atingiu todos os níveis da experiência social, estimulado, sobretudo por um novo dinamismo na economia internacional. Essas mudanças irão afetar desde a ordem e as hierarquias sociais até as noções de tempo e espaço das pessoas, seus modos de perceber os objetos ao seu redor, de reagir aos estímulos luminosos (SEVCENKO, 1998), a maneira de organizar suas afeições e de sentir a proximidade ou alheamento de outros seres humanos. Nenhum período anterior teve tantas pessoas envolvidas de modo tão completo e rápido num processo de transformação de seus hábitos cotidianos, suas convicções, seus modos de percepção e até mesmo de seus reflexos instintivos, não apenas no Brasil, mas no mundo tomado como um todo integrado (HOBSBAWM, 2001). Novas formas de encarar o conhecimento científico, além de estudos sobre a tropicalidade e suas influências negativas em todas as atividades humanas são abundantes nesse período de transição: a medida das horas e minutos da regularidade diurna dos trópicos parecia aleatória e desnecessária (ALENCASTRO, 1997) aos europeus. A transição entre o século XIX e XX (sobretudo a partir de 1850) e a *Revolução Científico-Tecnológica* representam mudanças mais abundantes, radicais e profundas, resultado da aplicação das descobertas científicas aos processos produtivos. Essas aplicações trazem, no curso de seus desdobramentos, veículos automotores, transatlânticos, aviões, telégrafos, telefones, iluminação elétrica, fotografia, cinema, radiodifusão, elevadores, escadas rolantes, sistemas metroviários, processos de pasteurização e esterilização, vasos sanitários com descarga automática e o papel higiênico, refrigerantes gasosos, fogão a gás, aquecedor elétrico, refrigerador, sorvetes, comidas enlatadas, aspirina, sonrisal e muitos outros. Esses avanços – principalmente nos meios de transporte e comunicação – são essenciais para compreender a influência da produção artística e do conhecimento científico europeu em terras brasileiras. A facilidade e a velocidade com que as informações conseguiam atravessar o Atlântico criou um parâmetro temporal entre o Brasil e a Europa inexistente até então. Esse processo age, principalmente no caso das funções superiores de coordenação social, nas quais a intersecção de um número cada vez maior de cadeias de interdependência incita os homens a submeterem sua atividade profissional a um horário cada vez mais exato (ELIAS, 1998). Muitos anos depois do descobrimento e da carta de Pero Vaz, no século XIX, relógios de algibeira (chamados de *cebolões*) passam a ser

vendidos por mascates em todos os cantos do Império: o tempo da colônia pode ser marcado, de *cebolão* na mão em qualquer lugar. O tempo imperial é sincronizado ao tempo da modernidade europeia, apresentando uma nova conceituação para o tempo, que passa a ser valorizado como um recurso econômico. Inúmeras máximas populares sobre a sua preciosidade tornam-se poderosas influências culturais, exportadas para as antigas colônias europeias no continente americano através da produção artística e das trocas comerciais.

[...] A riqueza compra até o tempo, que é o mais precioso e fugitivo bem que nos coube. Vê aquele preto que ali está? Para fazer o mesmo trajeto que nós, terá de gastar, a pé, mais uma hora ou quase.

O preto de quem Estácio falara, estava sentado no capim, descascando uma laranja, enquanto a primeira das duas mulas que conduzia, olhava filosoficamente para ele. O preto não atendia aos dois cavaleiros que se aproximavam. Ia esburgando a fruta e deitando os pedaços de casca ao focinho do animal, que fazia apenas um movimento de cabeça, com o que parecia alegrá-lo infinitamente. Era homem de cerca de quarenta anos; ao parecer, escravo. As roupas eram rafadas; o chapéu que lhe cobria a cabeça, tinha já uma cor inverossímil. No entanto, o rosto exprimia a plenitude da satisfação; em todo o caso, a serenidade do espírito.

Helena relanceou os olhos ao quadro que o irmão lhe mostrara. Ao passarem por ele, o preto tirou respeitosamente o chapéu e continuou na mesma posição e ocupação que dantes.

— Tem razão, disse Helena: aquele homem gastará muito mais tempo do que nós em caminhar. Mas não é isto uma simples questão de ponto de vista? A rigor, o tempo corre do mesmo modo, quer o desperdicemos, quer o economizemos. O essencial não é fazer muita coisa no menor prazo; é fazer muita coisa aprazível ou útil. Para aquele preto o mais aprazível é, talvez, esse mesmo caminhar a pé, que lhe alongará a jornada, e lhe fará esquecer o cativo, se é cativo. É uma hora de pura liberdade. (ASSIS, 1982)

As obras literárias nacionais do século XIX são, portanto, importante fonte de informação e comparação sobre o cotidiano do brasileiro: o passado se apresenta, dessa maneira, como uma forma de conhecer e entender melhor o momento presente (ORTIZ, 2012). Nesse contexto, a literatura do período assume o papel de poderosa ferramenta arqueológica, pois o cotidiano dos personagens numa obra literária nos fornece uma possível amostra da rotina social adotada no período, permitindo desvendar as funções de orientação e de regulação social do tempo (ELIAS, 1998) e, a partir disso, determinar como se dá a adaptação dos ritmos sociais e biológicos de um determinado grupo humano. Autores como Machado de Assis, que usam seus textos como uma ferramenta de crítica à sociedade que vivenciam, utilizam elementos do cotidiano dos leitores para transmitir veracidade aos seus escritos. O leitor contemporâneo vislumbra a sociedade do período, a sociedade do período se lê nas páginas do autor. Não por acaso, com o intuito de entreter a nascente burguesia urbana brasileira, textos literários de autores como José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo e Machado de Assis passam a ser

lançados em jornais da época, em fascículos e, posteriormente compilados e lançados em forma de livro.

A literatura foi uma importante ferramenta na tentativa de produzir uma identidade cultural brasileira, mesmo que apresente a impropriedade da vida ideológica do Segundo Reinado (SCHWARZ, 2012): havíamos feito a Independência há pouco, em nome de ideias francesas, inglesas e americanas, variadamente liberais, que assim faziam parte da nossa identidade nacional[3], mesmo que esse conjunto ideológico seja incompatível com a escravidão e seus defensores (SCHWARZ, 2012), opondo o trabalho livre e o trabalho escravo, bem como as consequências (sociais e econômicas) de cada um desses modos de trabalho. Por sua mera presença, a escravidão indicava a impropriedade das ideias liberais (SCHWARZ, 2012). Trazer de países distantes as nossas formas de vida, nossas instituições e nossa visão de mundo[4] torna o brasileiro um desterrado em sua própria terra, por maior que seja o esforço em manter tudo isso em ambiente – muitas vezes desfavorável e hostil.[5]

Algo diferente se apresenta no que se refere às escolhas dos horários para a realização das atividades sociais. Por mais que hábitos europeus sejam gradualmente introduzidos na sociedade brasileira a partir do século XVI, as atividades sociais parecem adotar, no século XIX, o fator biológico como elemento determinante na escolha dos horários para sua realização. Machado de Assis, em seus textos, costuma relatar horários de refeição (almoço e jantar) muito adiantados em relação à contemporaneidade – muitos jantares, tal como o jantar de comemoração à queda de Napoleão, dado pelo pai de Brás Cubas – ocorrem num horário com muita iluminação natural disponível (nesse episódio, o garoto Brás Cubas sai, após o jantar, para um passeio pela chácara e testemunha um beijo entre dois convidados. A iluminação é dada apenas pelo sol). Machado mostra personagens extremamente matutinos, para quem o nascer do Sol é o momento adequado para despertar, mesmo sem relatos de compromissos sociais como trabalho ou estudo – esse é o caso de Estácio que, no romance Helena, é um jovem de vinte e sete anos que não estuda ou trabalha, mas acorda diariamente ao nascer do Sol, almoça por volta das dez da manhã e realiza poucas atividades noturnas. Uma dessas atividades noturnas – uma festa em homenagem ao seu aniversário – terminou bem antes da meia-noite. Os personagens com hábitos vespertinos existem na obra machadiana, mas são apresentados de forma a serem julgados negativamente pelo leitor – é o caso de Luis Soares, Estevão e Brás Cubas: o primeiro troca o dia pela noite, o segundo e o terceiro frequentam “ceias de moças”, bailes e saraus noturnos, são sujeitos fracos e de moral condenável; todos têm suas falhas de caráter amplamente discutidas durante o desenrolar do enredo. Contos que ocorrem no período noturno – tais como *Missa do Galo* – se passam em meio a uma aura de segredo e sensualidade. Em resumo, a obra de Machado atesta a normalidade em termos de horário durante o século XIX: indivíduos matutinos e bem sucedidos, prontos a condenar indivíduos vespertinos e falhos.

Até que ponto essa característica matutina presente na obra de Machado de Assis aparece em autores europeus? Em texto também memorialista escrito na mesma

época em que Machado escreveu e publicou seus textos (final do XIX), Eça de Queirós nos apresenta horários de refeições mais vespertinos (e próximos da nossa prática atual): Pedro da Maia, filho de Afonso da Maia, em sua última visita ao pai observa que os jantares na casa de Afonso ocorrem ainda muito cedo – por volta das sete da noite. A família de Afonso Maia é, mais tarde, submetida a horários muito matutinos – e por isso parecido com os horários descritos na obra machadiana. Nessa passagem, Eça enfatiza a diferença dos horários da família Maia com os praticados pelos demais personagens da obra. Esses resultados levam aos seguintes questionamentos: houve de fato uma tentativa de impor os horários europeus no Brasil? Os horários sociais europeus foram implantados no Brasil durante o século XIX?

4. OS HORÁRIOS FORA DE LUGAR?

A imprensa e a literatura tiveram papel essencial no processo de transformação da sociedade senhorial carioca: a intenção era substituir a sociedade da época por uma mais compatível com os ideais de uma elite urbana, burguesa individualista e cosmopolita, equiparando culturalmente o Brasil à Europa. Essa aproximação era também de interesse da elite econômica, cujo desejo de modernidade, orientado pela crença no progresso e na tecnologia, planejava transformar a capital numa Paris dos trópicos (FEIJÃO, 2011). Os hábitos da burguesia europeia, sobretudo a burguesia francesa, determinaram em grande parte o comportamento das classes burguesas brasileiras, sobretudo a carioca. Ficam evidenciados, portanto, as inúmeras iniciativas de recriar hábitos europeus no Brasil, mas questiona-se, a partir de análise de textos literários do período, até que ponto essas iniciativas esbarraram nos limites impostos pelos ritmos biológicos humanos. Nesse sentido, os mesmos aparatos tecnológicos criados no continente europeu são implantados em território brasileiro, gerando o mesmo tipo de ruído temporal nos dois ambientes: a aproximação da sociedade carioca aos costumes e hábitos europeus aumentou após 1850, já que essa década marca a concretização prática de três iniciativas que visam o progresso urbano da capital: a iluminação a gás, o uso do telégrafo elétrico e a primeira locomotiva (que vai de Porto da Estrela até a raiz da serra de Petrópolis). A iluminação a gás está associada a uma série de mudanças sociais – tanto no que se refere ao público quanto ao privado. Não só a forma como a cidade é visualizada se transforma, mas, principalmente, as relações humanas e a ampliação dos horários em que essas relações podem ser travadas. Delso Renault, em suas pesquisas em jornais e revistas do período, destaca a polêmica implantação da iluminação a gás:

O Rio já conta com 1.361 lampiões a gás [em 1854]. Ilumina-se o Passeio público, cujas luzes, coando-se entre as árvores copadas e refletindo-se no mar, oferecem espetáculo admirável. Certos jornais criticam a excessiva iluminação da cidade e, ao mesmo tempo, condenam o custo excessivo de sua manutenção. (RENAULT, 1978)

Nesta época novos costumes são introduzidos na sociedade carioca, tais como saraus, bailes, jogos, teatro, dança, caçada e equitação pelas matas que circundam a cidade, a exemplo do que já ocorre na Europa. O transporte e a equitação vão tornando conhecidos os arredores do Rio de Janeiro, possibilitando a instalação de famílias de posse em locais como Botafogo, Santa Teresa, Rio Comprido, Matacavalos, Andaraí, São Cristóvão e outras localidades. O mobiliário e a alimentação são largamente influenciados pelos costumes europeus e é possível que o relógio despertador (uma invenção americana) tenha sido introduzido nos hábitos do fluminense entre 1865 e 1870. Apesar disso, muitos textos machadianos consideram o nascer do sol como horário apropriado para despertar, independente da existência de mediadores do tempo, como relógios. A indústria estrangeira propicia conforto e leva utilidades práticas às residências. Mesmo assim, os horários da sociedade europeia – continente urbano e fabril – baseados no tempo de trabalho (WILLIAMS, 2011), estão em total desacordo com as pistas temporais cariocas e, ao menos na obra machadiana, não servem como parâmetro temporal para realização das atividades sociais.

5. CONCLUSÃO

Nesse estudo, o texto machadiano foi analisado a procura da descrição dos horários sociais dos personagens – horários em que costumam acordar, dormir, que se alimentam e interagem entre si. Para Chartier (2010), o romance no século XIX se apodera do passado, tornando possível produzir, moldar e organizar a experiência coletiva mental e física, o que nos permite analisar os resultados obtidos como uma possível amostra da população carioca do período e demonstra que os personagens realizam suas atividades muito mais cedo do que pode ser observado atualmente – o sol é apresentado em muitos textos como mediador do tempo social, fato que não ocorre nos textos de Eça de Queirós analisados para esse trabalho. A literatura foi usada aqui como ferramenta na reconstrução e reprodução de costumes e práticas sociais do século XIX e os horários praticados pelos personagens machadianos se assemelham aos de indivíduos que, atualmente, vivem em ambientes com pouca ou nenhuma oferta de iluminação artificial (a gás ou elétrica). Os almoços descritos pelo autor ocorrem sempre no período da manhã, e as tardes, após o jantar, são aproveitadas ao ar livre, sob a luz natural fornecida pelo sol. Por volta das seis da noite as famílias costumavam se reunir para conversar ou ler – nesse horário, os lampiões da casa são acesos, tal como relato de Bentinho, em *Dom Casmurro*. Já os jantares em Eça de Queirós costumam ocorrer entre seis e sete da noite, já com os lampiões acesos, nos levando a uma série de indagações a respeito da forma como se repetem as práticas sociais europeias em território brasileiro.

O que se questiona no presente estudo é se as práticas sociais europeias são reproduzidas no Brasil nos mesmos horários em que por lá são realizados, já que o conhecimento estabelecido na Cronobiologia considera que os organismos praticam horários atrelados ao ambiente, ou seja, ao ciclo claro/escuro fornecido pela natureza. A construção de uma identidade brasileira passa, também, pelo

estabelecimento de horários sociais que, ao menos nos textos machadianos, são resultado da interação entre a população brasileira e o ambiente em que vive independente das relações de poder ou da influência existentes entre o Brasil e a Europa. Em síntese, as ideias europeias que a elite brasileira tenta implantar no Brasil do século XIX podem estar fora de lugar, como observa Schwarz, mas os horários praticados aqui não.

notas de rodapé

[1]De acordo com a definição dos professores Nelson Marques e Luiz Menna-Barreto, ritmo é um processo que varia periodicamente no tempo, a manifestação de um fenômeno que se repete com o mesmo período.

[2]Título inspirado no texto "As ideias fora de lugar" do livro *Ao vencedor as batatas* de Roberto Schwarz

[3]Segundo Renato Ortiz, toda identidade é uma construção simbólica e se define em relação a algo que lhe é exterior. Se existe uma unidade em afirmar que o Brasil é "distinto" dos outros países, o consenso está longe de se estabelecer quando nos aproximamos do que viria a ser o nacional. Dito de outra forma, não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos. Dentro deste contexto, a luta pela definição do que seria uma identidade autêntica é uma forma de se delimitar as fronteiras de uma política que procura se impor como legítima. Colocar a problemática dessa forma é, portanto, dizer que existe uma história da identidade e da cultura brasileira que corresponde aos interesses dos diferentes grupos sociais na sua relação com o Estado.

[4]Sérgio Buarque de Holanda apud SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Editora 34, 2012.

[5]Sérgio Buarque de Holanda apud SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Editora 34, 2012.

bibliografia

ALENCASTRO, Luiz F. et al. *História da vida privada no Brasil – Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ASSIS, Machado. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Editora Ática, 1977.

_____. *Helena*. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.

_____. *Ressurreição*. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.

_____. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.

_____. *Dom Casmurro*. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.

BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis*. São Paulo: Editora Ática, 1982.

CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

- CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.
- ELIAS, Norbet. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1998.
- FEIJÃO, Rosane. *Moda e modernidade na Belle Époque carioca*. São Paulo: Estação das Letras, 2011.
- LUKÁCS, George. *A teoria do romance*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- MARQUES, Nelson; MENNA-BARRETO, Luiz. *Cronobiologia: princípios e aplicações*. São Paulo: Edusp, 1997.
- NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical – sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.
- QUEIRÓS, Eça. *Os Maias*. São Paulo: Martin Claret, 2014.
- _____. *Alves & Cia*. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- RENAULT, Delso. *Rio de Janeiro: a vida da cidade refletida nos jornais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- THOMPSON, E.P. *Costumes em comum – Estudos sobre cultura popular tradicional*. São Paulo: Editora Schwarz, 2011.
- WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2012.
- WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave – Um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- ZUCCONI, Guido. *A cidade do século XIX*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.